

Do passado e do presente • Past and present

Classificação nominal em Karirí¹

Aryon D. Rodrigues

(Tradução do inglês por Ariel Pheula do Couto e Silva e
Gabriel Barros Viana de Oliveira)

Karirí (Cariri) é uma pequena família linguística sul-americana localizada no nordeste do Brasil, cujas línguas não são mais faladas. Para duas destas, *Kipeá* e *Dzubukuá*, há um razoável número de documentos publicados no final do século XVII (Mamiani 1698 e 1699) e início do século XVIII (Nantes 1709); e para duas outras, *Sabuyá* e *Karirí Pedra Branca (Kamurú)*, há somente pequenas listas de palavras publicadas no século XIX (Martius 1867). Provavelmente outras línguas desta mesma família morreram sem terem sido documentadas, já que vários povos indígenas foram mencionados em documentos no século XVII tendo, desde então, desaparecido, como é o caso dos *Moriti* e *Payayá*, que foram descritos como tendo os mesmos costumes e crenças dos *Karirí* (Leite 1945:273, 277). Há por volta de 1000 remanescentes dos *Karirí* no município de Mirandela, no estado da Bahia, mas eles agora falam somente português, apesar de algumas pessoas dentre eles ainda conseguirem recordar palavras isoladas de sua língua anterior (Bandeira 1972; Meader 1978).

A família Karirí é um exemplo notável do tipo de conhecimento linguístico que é perdido quando famílias linguísticas inteiras morrem na América do Sul. Este é o único grupo linguístico não Tupí-Guaraní que teve línguas registradas durante o período colonial na região oriental do Brasil, e que agora nenhuma de suas línguas são faladas, tendo compartilhado o destino de todas as línguas desta região, com exceção de uma (*Yaté*). Esta região possuía, no século XVI, um elevado número de diferentes línguas (Cardim [1584] 1978; Rodrigues 1993a). Apesar de haver algumas evidências lexicais de que a família Karirí pudesse ter sido um ramo do extenso complexo linguístico Macro-Jê (Rodrigues 1986), a estrutura das línguas Karirí é extremamente idiossincrática em comparação com as línguas Macro-Jê melhor conhecidas (e.g. as línguas da família Jê e o *Yaté*), e também em comparação com outros grupos linguísticos maiores no Brasil, como a família Karib e Arawak. As línguas Karirí possuem uma rigorosa ordem de palavras verbo-inicial, suas orações transitivo-ativas demonstram

¹ Este artigo foi escrito quando o autor estava no Departamento de Linguística Comparativa da Universidade de Leiden, subsidiado pela NWO (Nederlandse Organisatie voor Wetenschappelijk Onderzoek).

uma construção puramente ergativa, e nomes são relacionados por preposições.² A existência destas importantes características tipológicas na região oriental do Brasil não puderam ser apreendidas das outras línguas conhecidas naquela região ou em suas cercanias. Este também é o caso da classificação nominal, que será descrita aqui.

A língua Kipeá é conhecida por nós por meio de dois livros publicados pelo missionário jesuíta italiano Luiz Vincencio Mamiani (della Rovere): uma gramática (1699), de fato, uma das melhores do século XVII; e um catecismo (1698), bilíngue em português. Para a língua Dzubukuá, há apenas um catecismo, igualmente bilíngue em português, composto e publicado pelo missionário capuchinho francês Bernardo de Nantes (1709). O catecismo de Mamiani é predominantemente dialógico, com poucos textos exortativos e admoestadores, ao passo que o catecismo de Nantes inclui oito longos sermões. Ambos os trabalhos catequéticos incluem algumas canções em estilo europeu compostas por missionários. A seguir, a base para a presente descrição será a gramática do Kipeá de Mamiani, mas os exemplos também serão retirados de seu catecismo. Alguns exemplos do catecismo de Nantes serão usados na seção 4. abaixo, para mostrar que algumas características classificatórias do Kipeá ocorrem também em Dzubukuá.

Kipeá possui três mecanismos de classificação nominal: (1) um conjunto de prefixos classificadores que se ligam a palavras quantificadoras, como também a adjetivos descritivos de dimensão, consistência e cor; (2) um conjunto de classificadores possessivos usados principalmente com nomes de bens adquiridos; (3) uma distinção entre animado e inanimado, que se manifesta nos pronomes interrogativos e demonstrativos.

1. *Prefixos classificadores.* Há doze prefixos classificadores que ocorrem com palavras quantificadoras e com adjetivos de dimensão, consistência e cor. Estes parecem ser um conjunto fechado de itens lexicais que se combinam com prefixos classificadores e que foram amplamente apresentados por Mamiani (1877:53)³: *bihé* ‘um’, *wacháni* ‘dois’, *wachanidikié* ‘três’, *yó* ‘muitos’, *pi* e *pineté* ‘pequeno’, *yeⁿ* ‘grande’, *mú* e *muneté* ‘curto’, *chi* ‘comprido’, *kempé*

² Para uma reanálise estruturalista dos dados do Kipeá, *vide* Azevedo (1965); e para uma abordagem funcional de marcação de caso e da função do sujeito nesta língua, *vide* Larsen (1984).

³ Neste artigo, a ortografia utilizada por Mamiani para o Kipeá foi mantida, com apenas duas mudanças: *ng* e *ngh*, também escrito com *g* e *gh* em alguns exemplos, foram substituídos por *ŋ*; *en* foi substituído por *e* com til. Esta ortografia é bem clara e apenas alguns símbolos precisam ser explicados: *c* representa [k] antes de *a*, *o*, *u*, e *r*; *ch* representa [ʃ] e [tʃ], que são variantes de um mesmo fonema; *tc* e *tç* representam [ts]; *nh* representa [ɲ]. Uma interpretação fonêmica da escrita de Mamiani encontra-se em Azevedo (1965).

'fino', *tú* 'grosso', *tó* e *totó* 'redondo', *crá* 'seco', *tçã* 'duro', *cú* 'branco', *cotçó* 'preto', *hé* 'vermelho escuro', *cutçú* 'vermelho', *erã* 'verde, amarelo', *cracú* 'azul', *kenké* 'muito branco, limpo', *dzodzó* 'brilhante', *né* e *nú* 'claro'. Os prefixos são os doze seguintes, com seus significados dados por Mamiani: *be-* concorda com nomes para "morros, pratos, assentos, testas etc."; *cro-* para "pássaros, pedras, estrelas, e objetos redondos (como contas, frutas, olhos, etc.)"; *cru-* para "líquidos e rios"; *epru-* para "aglomerados e grupos"; *he-* para "varas, pernas e objetos de madeira"; *ho-*, *hoi-* para "cordas, trepadeiras, linhas, cobras"; *ya-* para "objetos metálicos, ossos e coisas pontiagudas"; *mu-*, *mui-* para "para raízes comestíveis"; *nu-* para "buracos, poços, bocas, campos, vales, espaços cercados"; *ro-* para "roupas, tecidos e peles"; *woro-* para "caminhos, conversas, discursos, estórias"; *bu-* para "casas, flechas, contêineres, espigas de milho, e criaturas vivas com exceção de pássaros", como também para outros nomes não especificados pelos outros prefixos (Mamiani 1877:53-54).

Apesar do conhecimento do léxico do Karirí que nós possuímos ser limitado aos exemplos dados na gramática do Mamiani e as palavras que ocorrem nos textos de ambos os catecismos, é imediatamente aparente que os prefixos classificadores têm uma origem lexical, visto que a maioria deles é identificada tanto com nomes monossilábicos como com a(s) primeira(s) sílaba(s) de nomes maiores que caem em suas áreas semânticas: para *be-*, *bé* 'beira', *bendó* 'morro'; *cro-*, *cró* 'pedra'; para *he-*, *hebarú* 'tronco de árvore'; para *ho-*, *hó* 'fios'; para *ya-*, *yawó* 'anzol', *yacroró* 'anzol de peixe', *yaridzi* 'espora'; para *mu-/mui-*, *mú* 'raiz', *muicú* 'mandioca', para *nu-*, *nucrá* 'caverna'; para *ro-*, *ró* 'roupa'; para *woro-*, *wo ~ woro* 'caminho', *woroby* 'notícias'; para *bu-*, *bú* 'espiga de milho', *buicú* 'flecha', *buibú* 'cabaça'. É bem provável também que nomes mais longos, como *yawó*, *yacroró* e *yaridzi*, sejam compostos, cujo primeiro componente coincida com o prefixo classificador da mesma forma que *cró* 'pedra' coincide com o prefixo *cro-*; um caso que parece indicar isso seria *muicú* 'mandioca', que pode ser analisado como *mui-cú* 'raiz branca'.

Ainda que exemplos como *yawó*, *yacroró*, *yaridzi* poderiam sugerir que nomes também podem receber prefixos classificadores, este não é o caso. A maioria dos nomes com os quais os numerais e adjetivos classificados ocorrem não possuem nada que poderia ser identificado com o prefixo de concordância, como pode ser visto nos seguintes exemplos:

- (1) *cro-yó uché* 'vários sóis/dias' (Mamiani 1698:64)
- (2) *bu-yó cradzó* 'várias vacas' (Mamiani 1877:5)
- (3) *bu-bihé erumú* 'uma abóbora' (Mamiani 1698:145)
- (4) *vinuá bu-pí* 'as crianças pequenas' (Mamiani 1698:54)

(5) *ibuâñeté bu-yeⁿ* ‘um grande pecado’ (Mamiani 1698:139)

(6) *udza ya-chi* ‘uma faca comprida’ (Mamiani 1877:99)

Palavras quantificadoras sistematicamente precedem o nome, como em (1), (2) e (3), ao passo que adjetivos descritivos o seguem, como em (4), (5) e (6). Adjetivos descritivos podem ser predicados (sem cópula), e nesse caso, eles precedem seu sujeito da mesma maneira que os predicados verbais o fazem. Nessa função, eles são marcados também pelos prefixos classificadores em concordância com seu sujeito, como em (7) e (8), e podem apresentar prefixos flexionais (por exemplo *i-*), como em (9):

(7) *ya-né udzá* ‘a faca está afiada’ (Mamiani 1877:99)

(8) *he-chí erá* ‘a casa é alta (= comprida)’ (Mamiani 1877:57)

(9) *no i-bu-yeⁿ crubÿ, no i-bu-yó crubÿ deheⁿ ebuâñeté* ‘porque (*no*) os teus pecados (*ebuâñeté*) são muito (*crubÿ*) grandes e também (*deheⁿ*) muitos’ (Mamiani 1698:222)

Apesar dos significados dos nomes requeridos por alguns prefixos incorrerem em campos semânticos claramente definidos, como ‘líquidos’ (*cru-*) ou ‘objetos longos e flexíveis’ (*ho-/hoi-*), o significado daqueles requeridos por outros prefixos são bastante heterogêneos: o que poderia relacionar ‘bancos’ e ‘testas’, ‘caminhos’ e ‘estórias’? Uma tentativa de sistematização dos significados prototípicos, que poderia ser definidora para cada grupo de nomes associado com cada prefixo, seria a seguinte, onde formas geométricas são distinguidas de entidades estáticas e dinâmicas:

	Estático	Dinâmico
Linhas (uma dimensão)		
Reto	<i>he-</i>	
		<i>woro-</i>
Sinuoso	<i>ho-</i>	
Superfícies (duas dimensões)		
Convexo	<i>be-</i>	
		<i>ro-</i>
Côncavo	<i>nu-</i>	

Sólidos (três dimensões)		
Esférico	<i>cro-</i>	
		<i>bu-</i>
Cônico	<i>ya-</i>	
Forma indeterminada	<i>epru-</i>	<i>cru-</i>
Raízes comestíveis	<i>mu-</i>	

Há algumas dificuldades óbvias com certas entidades em certas classes, mais especificamente com ‘espiga de milho’ e ‘casa’ entre os sólidos dinâmicos (*bu-*). A presença de ‘espiga de milho’ nessa classe provavelmente é devida à forma dessa palavra, que é simplesmente *bú*, homófona do prefixo classificador. Em relação à ‘casa’, provavelmente há um erro de Mamiani, uma vez que o único exemplo da sua gramática em que ‘casa’ ocorre com um adjetivo descritivo, este é marcado por *he-* e não por *bu-* (veja o exemplo (8) acima). Pode ser que *bu-*, além de se referir a sólidos dinâmicos, fosse o classificador geral para ‘todo o restante’, como, de fato, foi estabelecido por Mamiani. Sendo assim, ele poderia eventualmente ser usado com membros de outras classes. ‘Contêineres’, que devem ter sido algum tipo específico de cesta, pode ser visto como objetos transportáveis, usados para transportar algo de um lugar para outro. ‘Pássaros’ na classe de objetos esféricos (*cro-*) provavelmente deve-se ao fato de que eles são de alguma forma arredondados, mas observe que sua classe é a das entidades no céu, como sol, lua e estrelas. ‘Raízes comestíveis’ (*mu-*) é, sem dúvida, uma classe anormal que não pode ser definida com os mesmos parâmetros de forma e de dinamicidade. Entretanto, o fato de que à este único caso se aplica apenas a mandioca e outros tubérculos pode ser uma evidência da importância fundamental que estas raízes tinham para o povo Karirí. Note-se que mandioca é marcada com um classificador possessivo específico, como será visto na próxima seção.

2. *Classificadores possessivos*. Não é incomum para as línguas sul-americanas possuírem nomes genéricos usados para a expressão de posse de certas classes de itens. As línguas Jê setentrionais, como o Timbira (Canela, Krahô), Kayapó e Panará, possuem apenas um único nome genérico para todos os itens de posse alienável. Boróro, outra língua Macro-Jê, possui dois: um para animais domésticos; e outro para todas as outras posses alienáveis. As línguas Tupí-Guaraní possuem também dois nomes genéricos: um igualmente para animais domésticos; mas outro para caças, e nenhum para outras posses alienáveis, que são tratadas da mesma maneira que posse inalienável. Kipeá

possui doze nomes genéricos possuidores, que mediam a expressão de posse de uma certa quantidade de classes de itens. Eles foram apresentados e descritos por Mamiani (1877:59-61) da seguinte maneira: 1. *enki* para animais domésticos; 2. *uaprí* para caças, frutas coletadas na floresta, e qualquer outra coisa trazida para casa para ser comida; 3. *udé* para alimentos cozidos; 4. *upodó* para alimentos assados; 5. *udjé* para vegetais cultivados na roça, com exceção da mandioca; 6. *uanhi* para produtos da roça de mandioca; 7. *ubó* para frutas colhidas verdes para amadurecerem em casa; 8. *uitó* para coisas que foram encontradas; 9. *boronunú* para espólios de guerra; 10. *ukisí* para coisas recebidas numa troca; 11. *ubá* para presentes de forasteiros; 12. *e* para coisas que uma pessoa tenha transportado.

De acordo com Mamiani, os itens presentes nas classes 1 a 7 não podem ser expressos como posses sem a intermediação do classificador; isto é feito tendo o classificador de posse se ligado ao nome não-possuível por meio de uma preposição: *dz-upodó do buké* ‘meu veado assado’, *dz-udé do ghinhé* ‘meus feijões da minha roça’. Itens que estão nas classes 8 a 12 podem ser possuíveis, mas quando usados sem o classificador, o significado dos classificadores é excluído: *hiró* ‘minhas roupas’ (adquirida sem que tenha sido encontrada, trocada, pega como espólio etc.) (Mamiani 1877:61). Se nós procurarmos por uma diferença entre as classes 1-7 e 8-12, veremos que o primeiro grupo refere-se principalmente à comida e aos meios de se adquiri-la e prepará-la, ao passo que o segundo grupo refere-se à maneiras de se adquirir qualquer bem. Segue-se uma possível classificação da posse em Kipeá:

A. Comida

a. Aquisição

1. Coletando de seres selvagens: *uaprí*
2. Criando animais: *enki*
3. Cultivo de mandioca: *uanhi*
4. Cultivo de outras plantas: *udjé*

b. Preparação

1. Cozinhando: *udé*
2. Assando: *upodó*
3. Amadurecendo em casa: *ubó*

B. Quaisquer itens

a. Aquisição

1. Encontrando: *uitó*
2. Por troca: *ukisí*
3. Dado por forasteiros: *ubá*
4. Por espólio: *boronunú*

b. Transporte

1. Bens transportáveis: *e*

As doze classes acima provavelmente cobrem todas as maneiras institucionalizadas de se adquirir bens entre os Karirí. Nomes possuídos, afora estes, seriam provavelmente aqueles de elaboração própria, como os artefatos (redes, assentos, ornamentos, armas, ferramentas etc.) e comida e bebida fabricada (farinhas, bolos, mingaus, vinhos etc.), além de, certamente, dos chamados nomes de posse inalienável, como os nomes das partes de um todo e termos de parentesco.

É interessante notar que nove dos doze nomes genéricos acima começam com *u-*. É provável que este *u-* fosse, num estágio anterior da língua, um nome genérico para posse de itens alienáveis, como nas línguas Jê setentrionais mencionadas no início desta seção, ao qual mais elementos específicos foram adicionados, dando surgimento a diferentes classes. Para uma possível etimologia deste *u-* e das marcas de posse alienável em línguas Jê e em outras línguas Macro-Jê, veja Rodrigues (1993b:386).

3. *Animado e inanimado*. Nos pronomes interrogativos e demonstrativos, a língua Kipeá distingue seres animados de seres inanimados por meio do prefixo *u-* para inanimados, em oposição a *a-*, *æ-* e *e-* para animados. *udjé* ‘o quê?’ e *adjé* ‘quem?’ (Mamiani 1877:56), *uró* ‘aquela coisa’ e *eró* ‘aquela pessoa’ (Mamiani 1887:9), *utçi* ‘a coisa cujo nome eu esqueci’ e *ætçi* ‘a pessoa cujo nome eu esqueci’ (Mamiani 1877:57). De acordo com as traduções dadas por Mamiani, a oposição manifestada pela mudança de prefixos seria entre ‘humano’ e ‘não-humano’. Entretanto, *adjé* é também o nome genérico para ‘animal’ e ‘caça’ (Mamiani 1698:85, 173; 1877:83, 100), e *udjé* é o nome genérico para ‘vegetais (cultivados)’ (Mamiani 1877:60). A partir deste fato (e da ausência de quaisquer exemplos para ‘qual animal?’ ou ‘aquele animal’), nós inferimos que a oposição fosse mais precisamente entre ‘animado’ e ‘inanimado’.

4. O catecismo Dzubukuá oferece alguns exemplos de prefixos classificadores, como também de pronomes interrogativos e demonstrativos, mas nenhum de classificadores possessivos. Os exemplos (10)-(13) abaixo são de prefixos classificadores:⁴

(10) *clo-witanidique uquie* ‘três sois/dias’ (Nantes 1709:33) (Kipeá *cro-wa-
chanidikié uché*)

(11) *dzo crô-ye* ‘chuva grande’ (Nantes 1709:201) (Kipeá *dzó cru-yeⁿ*)

(12) *boeddo bû-ye* ‘colinas grandes’ (Nantes 1709:201) (Kipeá *bendó be-
-yeⁿ*)

⁴ Os exemplos do Dzubukuá são dados na escrita de Nantes, que é uma escrita bastante irregular. Apenas algumas poucas palavras discutidas aqui são retranscritas, mas com a ortografia de Nantes dada entre colchetes.

- (13) *ibuiehoho bú-ppi* ‘um corpo pequeno’ (Nantes 1709:205) (Kipeá *ibuye*”*wohó bu-pi*)

O exemplo (12) é um caso de discordância entre o Dzubukuá e o Kipeá, uma vez que o primeiro tem o prefixo *bu-* ao invés do prefixo *be-* do segundo, para ‘colina, morro’. Mas, aqui nós temos novamente a possibilidade de *bu-* como um classificador genérico.

Para os pronomes interrogativos, o Dzubukuá possui *ãdé* (escrito *andè*) ‘quem’, correspondendo ao Kipeá *adjé*; e *widé* (escrito *widde*) alternando com *odé* (escrito *odde*) ‘o quê?’, que corresponde em Kipeá *udjé*. Para os pronomes demonstrativos, *ãró* (escrito *anro*) ‘aquela pessoa, ele’, correspondendo ao Kipeá *eró*; e *uró* (escrito *uro* e *wro*) ‘aquela coisa’, correspondendo em Kipeá *uró*. Veja alguns exemplos abaixo:

- (14) *andè cunne ipadzu vplète?* ‘Quem é o pai das mentiras?’ (Nantes 1709:8)

- (15) *widde aboho wro?* ‘E o quê (fez Deus) depois daquilo?’ (Nantes 1709:5)

- (16) *widde idze?* ‘Qual é o nome dele?’ (Nantes 1709:25)

- (17) *odde wo ninho uro no Padzwarè?* (De) que maneira o padre faz aquilo?’ (Nantes 1709:83)

- (18) *anro quedde nanhe aseno hemwj?* ‘Ele é o chefe do povo do paraíso?’ (Nantes 1709:9)

- (19) *ande uquie, idommo inhia* ‘Em que dia ele morreu?’ (litt. ‘que dia, ele morreu nele?’) (Nantes 1709:29)

- (20) *ande wanadzi do kubuangatea?* ‘Quais são os remédios contra os pecados?’ (Nantes 1709:70)

Os dois últimos exemplos mostram *ãdé* (e não *widé* ou *odé*) precedendo nomes de coisas inanimadas (*ukjé* ‘sol’, *wanadzi* ‘remédio’). Nenhum caso comparável foi encontrado em Kipeá. Nesta língua, aparentemente nem *adjé* ou *udjé* foram empregados antes de nomes, mas um outro tipo de interrogação foi utilizado no lugar, por meio da preposição *so* e do morfema interrogativo *dé*: *woroby so dé?* ‘quais são as notícias?’ (Mamiani 1877:56).

5. *Conclusão.* Foi visto que o Karirí, como exemplificado pelo Kipeá, possuía três maneiras gramaticalizadas de classificar os nomes: (a) uma classificação numeral que se estende a dimensão, consistência e cor, baseada em forma e dinamicidade, manifestada por meio de prefixos adicionados não

aos nomes, mas aos numerais e adjetivos descritivos referentes aos nomes; (b) uma classificação possessiva de bens adquiridos, que distingue de uma maneira elaborada comida e não-comida por meio de nomes possessivos genéricos; e (c) uma distinção entre animado e inanimado marcada por prefixos nos pronomes interrogativos e demonstrativos. Dentre as línguas conhecidas, o Karirí é provavelmente único tanto à presença simultânea desses três sistemas independentes de classificação quanto à algumas características do seu sistema numeral. Em seu estudo sobre classificadores para nomes, Allan (1977:286) estabelece que ‘em todas as línguas classificadoras de numerais, os classificadores ocorrem tanto em expressões anafóricas ou dêiticas quanto em expressões de quantidade’. Em Karirí, os prefixos classificadores não ocorrem em expressões dêiticas ou anafóricas, mas em adjetivos descritivos assim como em expressões de quantidade. Em seu levantamento sobre os sistemas de classificação de nomes da Amazônia, Derbyshire e Payne (1990:243ss.), resumindo a recente literatura específica, estabelecem que ‘classificadores numerais são formas léxico-sintáticas, igualmente distintas de sistemas gramaticais fechados’. Em Karirí, classificadores numerais são prefixos em construção morfológica com numerais e adjetivos descritivos. Nem Allan nem Derbyshire e Payne consideram classificação possessiva. Dixon, em seu longo estudo de classes de nomes (1982:159-233), relata classificação possessiva apenas para algumas línguas Micronésias e vê este tipo de classificação como um ‘caso incomum’.

Referências

- Allan, Keith. 1977. ‘Classifiers.’ *Language* 53(2):285-311.
- Azevedo, Gilda Maria Correa de. 1965. Língua Karirí: descrição do dialeto Kipeá. Tese de mestrado não publicada, Universidade de Brasília.
- Bandeira, Maria de Lourdes. 1972. Os Karirís de Mirandela: um grupo indígena integrado. Salvador. Universidade Federal da Bahia.
- Cardim, Fernão. 1978. *Tratados da terra e gente do Brasil*. Terceira edição, São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Derbyshire, Desmond C., and Doris L. Payne. 1990. ‘Noun classification systems of Amazonian languages.’ In Doris L. Payne (ed.), *Amazonian Linguistics: Studies in Lowland South American Languages*, 243-271. Austin: University of Texas Press.
- Dixon, R. M. W. 1982. *Where have all the adjectives gone? and other essays in semantics and syntax*. Berlin/New York/Amsterdam: Mouton.
- Larsen, Thomas W. 1984. ‘Case marking and subjecthood in Kipeá Kiriri’. *Berkeley Linguistics Society* 10:189-205.

- Leite, Serafim. 1945. *História da Companhia de Jesus no Brasil*, vol. 5. Rio de Janeiro/Lisboa.
- Mamiani, Luis Vincencio. 1698. *Catecismo da doutrina christaa na lingua brasilica da naqao Kiriri*. Lisboa. (Edição facsimile, Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional).
- Mamiani, Luiz Vincencio. 1877. *Arte de grammatica da lingua brasilica da nação Kiriri*. Segunda edição, Rio de Janeiro: Bibliotheca Nacional. (Primeira edição: Lisboa, 1699).
- Martius, Carl Friedrich Philipp von. 1867. *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerika's zumal Brasiliens*, vol. 2. Leipzig.
- Meador, Robert. 1978. Índios do Nordeste: levantamento sobre os remanescentes tribais do Nordeste brasileiro. Brasília: Summer Institute of Linguistics.
- Nantes, Bernardo de. 1709. *Katecismo indico da lingua Kariris*. Lisboa. (Edição fac-símile publicada por J. Platzmann, Leipzig, 1896).
- Rodrigues, Aryon D. 1993a. 'Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas'. *Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada* 9(1):83-103. São Paulo.
- Rodrigues, Aryon D. 1993b. 'Um marcador Macro-Jê de posse alienável'. *Anais da 44ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência*, 386. São Paulo.